



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO

DE SANTA
RITA

CAUTELA COM OS TRAMBULHÕES

■ **POR LAURA CHAVES** ■

DESENHOS DE A. CASTAÑÉ

Pôsto ao canto do salão,
sôbre peanha doirada,
com aspecto majestoso,
morava um belo jarrão
vindo da Índia encantada,
sobranceiro e orgulhoso,

Era uma preciosidade,
talvez a coisa melhor
que essa sala ornamentava,
entre tanta raridade
sentia-se rei, senhor
de tudo quanto ali estava.

Frágil, linda e pequenina,
no chão, sob uma «console»,
na frente dela existia

uma tigela da China,
filha do país do sol,
onde uma falha se via.

O jarrão nem a mirava
lá do cimo da peanha,
por lhe faltar um bocado,
e muito se arreliaava
que porcaria tamanha
vivesse ali, a seu lado.

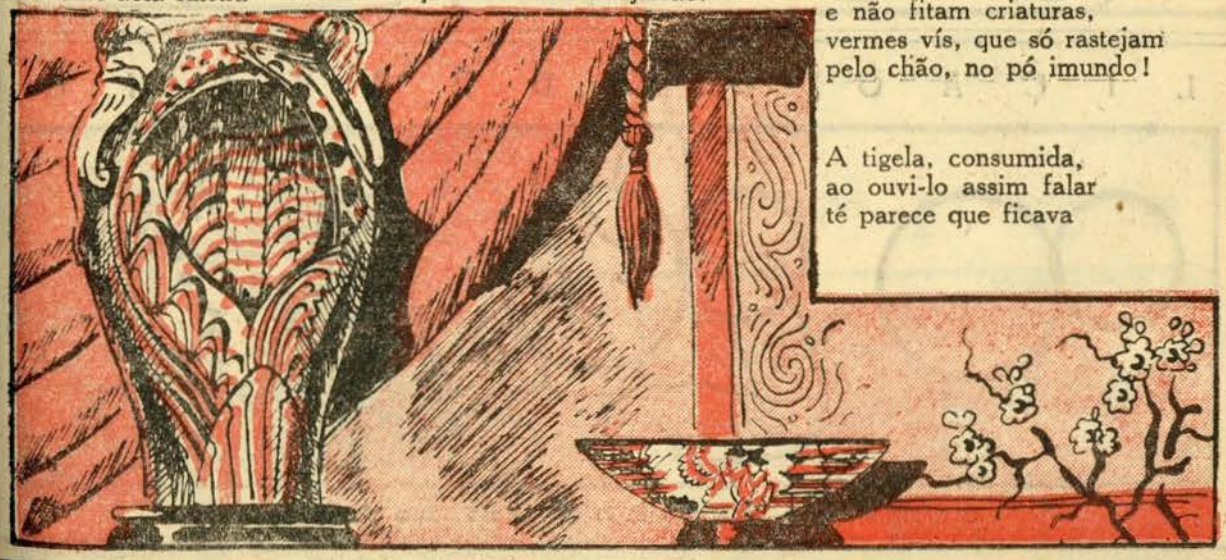
Mas ela passava a vida
num êxtasi para êle,
em contínua adoração,
e era já coisa sabida
a grande paixão fiel
que dedicava ao jarrão.

Ele, vaidoso a valer,
dizia todo irritado
quando lhe falavam dela :
— Um tal amor é descer !
E' vergonha ser amado
por essa *meia tigela* !

Coitada! Teve má sina!
Veio a cair na desgraça,
o destino foi-lhe ingrato!
Lá porque nasceu na China,
dum reles caco não passa
bom para servir ao gato.

Eu vivo cá nas alturas,
os meus olhos só adejam
sôbre o que é rico no mundo,
e não fitam criaturas,
vermes vís, que só rastejam
pelo chão, no pó imundo!

A tigela, consumida,
ao ouvi-lo assim falar
té parece que ficava



muitíssimo mais partida,
tentando em vão ocultar
a mazela que a vexava.

Um dia a criada ferra,
com seu modo desabrido,
o tal jarrão, de cangalhas,
que num pronto foi a terra
e no chão ficou partido
em mais de cem mil migalhas.

A dona, que andava perto,
ficou a pobre senhora
mais danada do que um bicho.
Vendo o jarrão sem consêrto
mandou a criada embora
e o jarrão foi para o lixo.

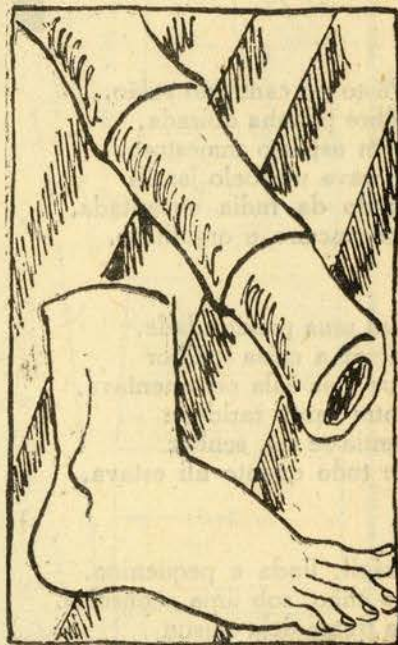


Os que estão de alto, na vida,
se um dia vem o diacho
e os faz dar um trambulhão,

é coias bem conhecida
inda vão parar mais baixo
do que os que estavam no chão.

PARA OS MENINOS COLORIREM

ENIGMA PITORESCO



L I Ç A O D E D E S E N H O



Como se desenha um recruta

O POTE de FARINHA

Por J. F. S,

Desenhos de A. CASTANÉ

Um pobre homem, chamado Soma-Sarma, recebeu, em esmolas, durante o dia, um pote cheio de farinha.

Ao entrar em casa, pendurou o pote num prego, junto do leito, para o não perder de vista.

Durante a noite, acordou, entregando-se a estas reflexões :

«Este pote está cheio de farinha; se vier uma crise, venderei a mercadoria por cem pêsos (moeda antiga). Com êsse dinheiro comprarei um bode e uma cabra. Quando tiverem filhos, ganharei bastante vendendo-os e adquirirei um boi e uma vaca. Venderei os vitelos e comprarei búfalos. Com o produto do rebanho, acabarei por ter uma coudelaria donde obterei lucros importantes. Construirei uma bela casa tornando-me um homem de nome e qualquer pessoa opulenta me oferecerá a sua filha, em casamento, com um rico dote. Terei um filho a quem porei o meu nome :— Soma-Sarma. Logo que êle começar a andar, colocá-lo-ei sôbre o meu cavalo, ficando á minha frente. Assim, quando êle me vir, não deixará de abandonar o colo da mãe, correndo para mim. Chamarei minha mulher para o levar de novo para junto de si, e, se ela me não obedecer prontamente, dar-lhe-ei um pontapé.»

Dizendo isto, Soma-Sarma estendeu o pé com tamanha violência que partiu o pote, espalhando



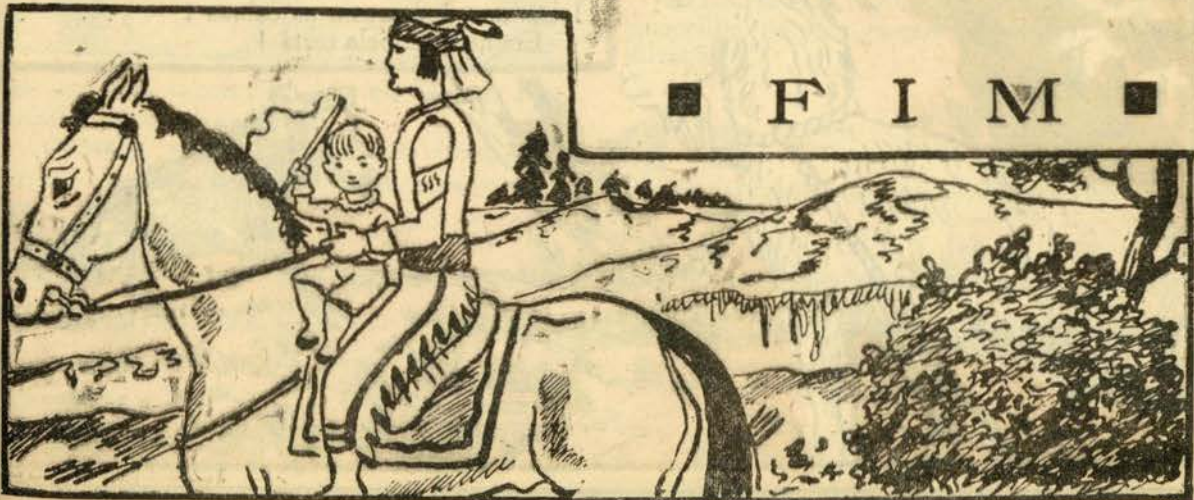
a farinha, enchendo-a de terra e de poeira. Desta maneira, ficou completamente inutilizada.

Adeus tódas as esperanças ! Soma-Sarma encontrou-se pobre como dantes.



Mais uma vez teve razão o velho ditado :
Quem tudo quer ... tudo perde.

■ F I M ■



A CABRINHA DO TIO ZÉ BRAZ

Por ANÃO SABICHÃO
Desenhos de A. CASTAÑE

Vou contar-lhes, meus amiguinhos, a história duma cabrinha que tem a sua moralidade, como vão vêr.

A única riqueza do tio Zé Braz, um campônio velhote, era a Catita, a tal cabrinha da minha história que êle adorava.

Muito branca, elegante e bonita, com uma barbicha engraçada, a Catita fazia as delícias do dono que, sem família, só se distraía com o animal.

Tinha com ela mil cuidados, arranjava-lhe a erva mais saborosa, escovava-lhe o pêlo, chegava mesmo a beijar-lhe o focinho, côr de rosa, quando lhe dava as boas noites, depois de a ir buscar, ao fundo do quintalório, onde, presa por uma corda a uma estaca, a cabrinha passava o dia, respirando bom ar, á sombra duma árvore.

Ora, uma tardinha, a Catita começou a pensar que se aborrecia ali.

Achou que era injusto e cruel estar, assim, atada, por uma corda, como se fôsse um vulgar cão de guarda ou burro lazarento.

Acusou o tio Zé Braz de falta de generosidade, para com uma cabra tão linda, que, pelo seu egoísmo, se via ali fechada !

E sem reflectir na ingratidão que mostrava por um dono tão bom, a Catita esperou que êle saísse, e, com toda a força, desatou a puxar, a puxar pela corda, até que a própria estaca cedeu. Com a corda e a estaca a arrastar, ela fugiu campos fora.

A galope, galgou sebes e valados.



Já longe, decidiu parar, muito feliz por se vêr num mundo desconhecido, cheio de barrancos, pedras e cardos, coisas que nunca, em sua vida, ainda vira, de perto !

E, tonta de contentamento, saltava como doida, quando, de repente, quedou petrificada.

A pouca distância, um medonho lobo pardo, olhava para ela, com uns olhos brilhantes de maldade, e abria uma bôca enorme, donde escorria baba.

A Catita encheu-se de coragem !

Muitas vezes ouvira contar ao dono, histórias heróicas e tinha a certeza que era preciso muita audácia, para nos saírmos bem dum caso tão grave, como aquêle !

Na verdade, deixar-se, assim, engulir por um animal medonho, ter uma morte tão horrível, era tremendo !

Nunca ouvira dizer, isso não, que uma cabra tivesse morto um lobo, mas que eram sempre os lobos que devoravam as cabras !

Era asneira, pela certa !





Portanto, não tentaria lutar com a fera !
Trataria de fugir.
E assim fez !

Ela corria, com a maior velocidade que lhe davam as pernas finas e ágeis e, atrás, no seu encalço, o animal feroz, espumando cada vez mais baba, e uivando como um danado.

A Catita seguia o mesmo caminho que fizera há pouco e, lá ao longe, já avistava a casa do dono.

Mas ía tão extenuada, que tremia, na idéa de não conseguir alcançá-la, a tempo.

Quando, por fim, lá chegou, viu, que a porta ficára aberta.

Como uma seta, penetrou por ali dentro, sempre seguida pelo medonho lobo pardo.

Mas o seu dono não estava lá, para a defender.

Sentiu-se perdida !

A corda e a estaca que arrastava consigo, atrapalhavam-na imenso.

Deu a volta ao quintalório e o lobo fez o mes-



mo, mas, na ocasião em que ela tornara a sair, sucedeu uma coisa curiosa.

A estaca, pegada no extremo da corda, ao pas-

sar pela porta, prendeu-se nela e levou-a consigo. Isto fez com que ela se fechasse, atrás da cabra, deixando o lobo lá dentro.

Ao voltar, daí a um instante, o tio Zé Braz, encontrou a cabrinha, toda trémula de medo, e ouviu uivar a fera, no seu quintal.

Não compreendeu nada do que se passára, mas foi, imediatamente, pedir a um vizinho, uma espingarda. De cima do muro atirou sobre o terrível lobo, até que o matou.

Depois, deu um beijo no focinho da Catita e pegou-lhe pela barbicha, com muita ternura.

Felizmente, não sonhou o pobre tio Zé Braz que a sua cabrinha, fôra ingrata, por uns momentos, mas, agora, depois daquele castigo, para o futuro, nunca mais ela se lembrou de se queixar do tio Zé Braz nem da estaca que a prendia, pois, devido a ela, é que não sofrera morte tão terrível !

Como recordação daquele dia desagradável, o tio Zé Braz mandou embalsamar o lobo pardo, que, ainda faz tremer a Catita, quando ela olha os seus medonhos olhos de vidro.

E a moral da história, meus meninos ?

E' aquela estezinha que parecia um grande empecilho na vida da cabrita e, afinal, foi a sua salvação !

■ ■ F I M ■ ■

■ A S 4 I D A D E S ■

EDITORIAL-SECULO — Acaba de pôr á venda esta interessante
PEÇA RADIOFONICA
DE
AUGUSTO DE SANTA-RITA — Preço 2\$50

CHIQUINHO tomou EMENDA

Por ANIBAL NAZARÉ

Desenhos de A. CASTAÑE

Chiquinho, aquele garoto travesso e ladino de quem já tenho tido ocasião de falar aos meninos, resolveu-se, definitivamente a tomar juízo, a ser um menino aplicado ao estudo e bem comportado. E já não é sem tempo! A continuar como até aqui, o Chiquinho faria exame de instrução primária quando já fôsse um homem, de calça comprida, como o primo José, que já anda a estudar para doutor! Era demais!

Quando na aula, o professor lhe fazia alguma pergunta, o Chico respondia ao acaso, sem pensar, e dizia coisas verdadeiramente disparatadas. Duma vez, por exemplo, em que o Mestre estava a explicar o que eram as cores, disse-lhe:

— Ora vamos a ver: Esse fato que o menino tem vestido, de que cor é?

— E' preto! — afirmou o Chico.

— Muito bem. E porque motivo diz o menino que é preto?

— Porque o meu pai o mandou tingir a semana passada!

E' claro que esta resposta lhe valeu uma repreensão, para, outra vez, se lembrar, e não responder, ao acaso, ás perguntas do professor.

Doutra ocasião, tratava-se de contas, e a pergunta foi:

— Quem de seis tira seis, com quanto fica?

E o Chico, distraidamente, entretinha-se a seguir o vôo duma môca, que brincava em redor do tinteiro.

— Então, vejamos! — confirmou, pacientemente, o professor. — O menino tem seis laranjas e eu peço-lho três:

— Quantas ficam?

— Ficam seis! — afirmou, convictamente, o Chico, continuando a seguir o vôo caprichoso da môca.

— Seis? Como é isso, se eu lhe peço três?

— E' que o senhor professor pedemas, mas eu não lhas dou!



Outra repreensão, uma carta para o pai, e três dias de castigo, sem sobre-mesa. Mas o Chiquinho não se emendava! E, tão acostumado estava já ás suas extravagantes respostas, que já as dizia quasi sem dar por isso!

Mas, se algumas das respostas, o Chico as dava distraidamente, sem o

Enfim, tantas e tantas fez o Chiquinho, que o pai e a mãe andavam zangados com ele, e não lhe satisfazião um único desejo.

O Chico não ia ao teatro, nem ao cinema, nem ao Jardim Zoológico, — suas preferidas distrações.

Não tinha bôlos, nem sobre-mesa a seu gôsto, nem livros de versos e de contos, de lindas estampas coloridas, e leitura saborosa e instructiva. E o pequeno começou, enfim, a compreender que ia por muito mau caminho...

Pensou, pensou, e resolveu-se, definitivamente, a ser um menino obediente em casa, estudioso na escola, e agradável e atencioso em tôda a parte.

E' claro que, ao principio, lhe devia ter custado muito.

Habitudo, como estava, á maldade e á mentira, devia ter-lhe sido difficil enveredar pelo caminho da verdade e da razão.

Mas a consciência, nos pequenos, é boa conselheira. E o Chico compreendeu, por fim, que se ganha mais em ser bom e estudioso do que cábula e traquinas.

Hoje, o Chico é apontado como môdêlo a tôda a classe.



fazer por mal, outras havia que dizia propositadamente, e já encolhendo-se a pensar no merecido castigo que o esperava.

Assim, quando o Mestre, há tempos, lhe perguntou:

— Sabe porque motivo o Sol se mostra mais raramente no inverno? — êle respondeu, brincando:

— Sei, sim, senhor! E' porque tem medo de ter frio!

Doutra vez, o professor apontou um cão que estava à janela duma casa, fronteira à escola, e perguntou:

— A que familia pertence aquele animal?

E o Chico sem pestanejar:

— Naturalmente, pertence à familia do dono da casa!



PIM-PAM-PUM

N.º 271

Compram-se exemplares d'êste número na Administração do

«SECULO»

RUA DO SECULO, 59

L I S B O A



Minhas amiguinhas

Temos, hoje, êste pândego, bem disposto, que realiza um concerto de música comodamente instalado em cima de uma barrica! E parece que se sente perfeitamente á vontade e tocando com gôsto!

Em que podereis aplicá-lo e como executá-lo?

Com êle, podem vocês fazer uma almofada, um saco de trabalho, etc, etc.

O bordado pode ser feito todo no mesmo tom, mas, se lhe puzermos várias côres, ficará mais bonito e o conjunto será mais engraçado.

Assim, temos:—A barrica em prêto; fato castanho; meia e barrete vermelho, borla e gravata azul, tamancos amarelos e a verduura, está claro, verde!

Mãos à obra e vamos ao trabalho!

Vossa
Abelha Mestra



LUIZINHA MARIA

Ó Luizinha Maria,
de vivo olhar engraçado,
há, em teu rosto, a alegria,
dum passarito azougado!

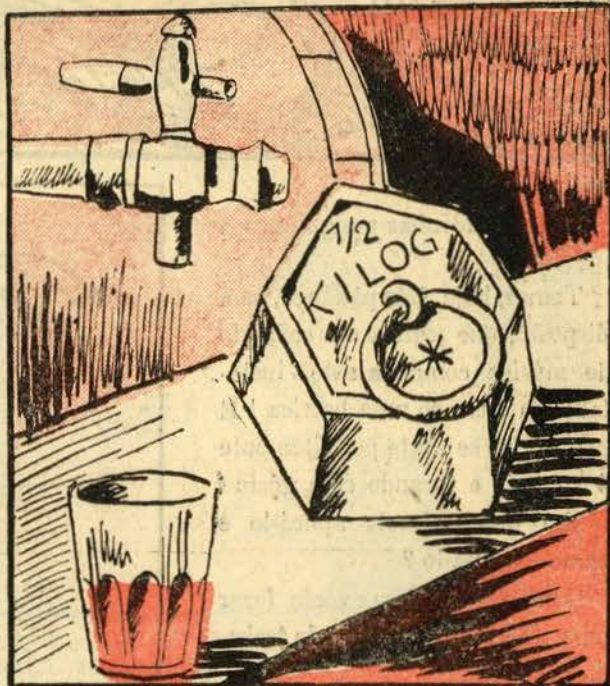
Já sei que és boa e bonita,
(—lisonja, de modo algum!—)
que gostas do Santa-Rita
e adoras o *Pim-Pam-Pum!*



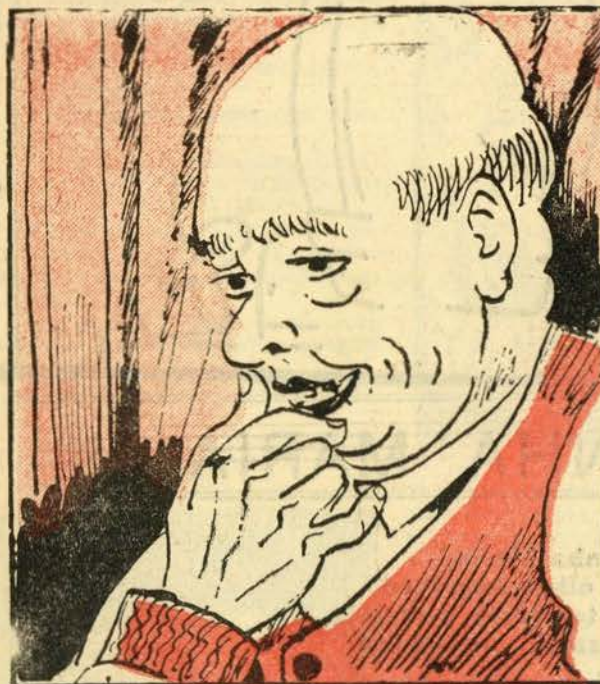
INGENUIDADES do ZÉZITO



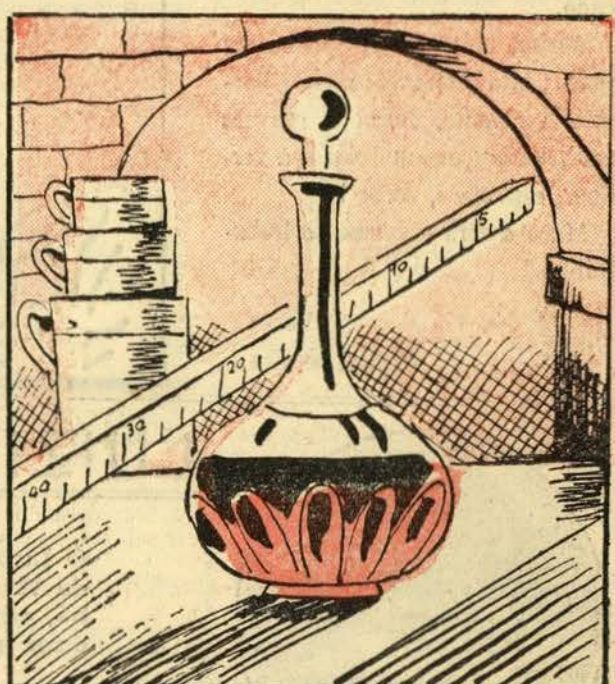
I — O endiabrado «Zezinho»
que anda sempre num vai-vém,
vai, a pedido da Mãe,
à taberna comprar vinho.



II — Chega e diz: — «O «sô» Zè Pinto,
venha, depressa, aviar-me...
Faça a fineza de dar-me
um quilo de vinho tinto.»



III — O taberneiro, surpêso,
volve detrás do balcão:
— «Um quilo de vinho?! Não!
Vinho não se vende a pêso.



IV — Mas, logo, torna o Zezinho:
— «Eu disse mal; tem razão!
Desculpe, que distracção!
Meça-me um metro de vinho...»